

VALOR E MORTALIDADE: UM COMENTÁRIO A SÓLON 18 G. E P.

Teodoro Rennó Assunção

[Fac. de Letras/UFMG]

RÉSUMÉ

À partir d'une brève présentation des variantes pour l'établissement du texte grec et d'une première traduction de l'épigramme 18 G. et P. de Solon (et de l'autre lecture possible des vers 4-6), le commentaire introduit d'abord une description d'ensemble de la structure du poème, visant à questionner la valeur selon le critère élémentaire de la finitude et du vieillissement, et finit par une discussion (bien au goût de l'épigramme de banquets) – d'après les deux versions possibles de l'établissement du texte des vers 4-6 – de ce que serait, pour un mortel soumis au temps, la vraie richesse: les plaisirs commensaux (de table) et/ou érotiques (du lit).

Mots-clés: Valeur, finitude, commentaire, Solon 18 G. et P.

APRESENTAÇÃO

Antes de propormos uma tradução (e um comentário) desta elegia grega (poema formado por dísticos elegíacos, compostos cada qual por um hexâmetro dactílico e um pentâmetro), é necessário dizermos uma palavra sobre o texto grego adotado (ainda que admitamos que as variantes presentes nos três textos-fonte: Teógnis, Plutarco e Estobeu pudessem todas elas ser variações legítimas e signos, já transcritos, de performances como modo sempre diverso de composição/recitação oral). Deixaremos de lado aqui a contextualização das citações na biografia de Sólon por Plutarco (*Sólon* 2. 3, onde só aparecem os seis primeiros versos) e na antologia de Estobeu (4. 33. 7) assim como a relação da versão de Teógnis (719-728) com outras elegias tematicamente afins na *Theognidea*.

O texto grego básico, retomado em sua quase inteireza pela edição de Francisco R. Adrados e pela de Bruno Gentili e Carlo Prato, é aquele de Ernst

Diehl. O texto final adotado de B. Gentili e C. Prato (18) diferencia-se do de E. Diehl (14) apenas na adoção, no quarto verso, da variante *πλευραις*, presente no texto de Teógnis (em vez de *πλευρῆ*, a de Plutarco, adotada também por F. Adrados). O texto de F. Adrados (14), por sua vez, diferencia-se do de E. Diehl apenas pela ausência (decisiva, como veremos, na construção de um outro sentido possível para os versos 4-6) de uma vírgula ao final do quarto verso.

A diferença maior das edições de E. Diehl, F. Adrados e B. Gentili e C. Prato em relação à de Martin L. West (24) – que, todas quatro, adotam no quinto verso a variante de Plutarco – está na adoção, no sexto verso, da variante de Plutarco (*ἦβη· σὺν δ' ὄρη*) e não, como o faz M. West, da de Teógnis (*ὄρη, σὺν δ' ἦβη*). Estas três edições diferem também da de M. West na adoção, ao final do sexto verso, da variante *ἀρμόδια*, proposta primeiramente por Theodor Bergk, em vez de *ἀρμοδίη*, proposta por Schneidewin (corrigindo *ἀρμοδία* de Teógnis) e adotada por M. West. Diferente ainda destas quatro edições, o texto grego montado mais recentemente por Marco Fantuzzi (sem numeração própria) adota, no quinto verso, a variante *κατὰ ταῦτ'* proposta por Th. Bergk, e, no sexto verso, mistura a variante de Teógnis (mas, diferentemente de M. West, com *ἦβη* com iota subscrito e com *γίγνεται* no lugar de *γίνεται*) e a correção *ἀρμόδια* proposta por Th. Bergk.

A nossa tradução para o português do texto grego de B. Gentili e C. Prato – assim como a dos versos 4-6 do de F. Adrados – constitui evidentemente o primeiro testemunho do seu entendimento e serve, sobretudo, de apoio básico à interpretação mais minuciosa desenvolvida no comentário subsequente. Esta tradução, ainda que conservando a unidade mínima do verso, visa apenas à precisão semântica (na transposição possível do vocabulário e da sintaxe do grego) e jamais à restituição rítmica (analógica ou correspondente em português) do dístico elegíaco grego.

Sólon 18 (Gentili e Prato)

ἴσόν τοι πλουτοῦσιν, ὅτῳ πολὺς ἄργυρός ἐστι
καὶ χρυσός καὶ γῆς πυροφόρου πεδία
ἵπποι θ' ἡμίονοί τε, καὶ μόνα ταῦτα πάρεστι
γαστρί τε καὶ πλευραῖς καὶ ποσίν ἄβρὰ παθεῖν,
παιδός τ' ἠδέ γυναικός, ἐπὴν καὶ ταῦτ' ἀφίκηται,
ἦβη· σὺν δ' ὄρη γίγνεται ἀρμόδια.
ταῦτ' ἄφενος θνητοῖσι· τὰ γὰρ περιώσια πάντα
χρήματ' ἔχων οὐδεὶς ἔρχεται εἰς Αἶδεω,
οὐδ' ἄποινα διδοὺς θάνατον φύγοι οὐδὲ βαρείας
νοῦσους οὐδὲ κακὸν γῆρας ἐπερχόμενον.

São igualmente ricos quem tem muita prata,
ouro, campos de terra que dá trigo,
cavalos e mulas, e quem tem só isto:
no ventre, nos flancos e nos pés sentir coisas delicadas,

e de um rapaz e de uma mulher – uma vez que também isto chegue –
 a juventude, pois com o tempo ela se torna ajustada.
 Isto a riqueza para mortais; pois a todos excessivos
 bens carregando, ninguém vai para o Hades,
 e, mesmo pagando resgate, não pode evitar a morte, nem pesadas
 doenças, nem a ruim velhice que se aproxima.

[no ventre, nos flancos e nos pés sentir coisas delicadas 4
 de um rapaz e de uma mulher, uma vez que também isto chegue:
 a juventude, pois com o tempo ela se torna ajustada.] 6

COMENTÁRIO A SÓLON 18 G. E P.

Antes de comentar o que constitui o valor ou a riqueza para Sólon, ou seja: o conjunto dos versos 4 a 6 que formam a parte mais problemática na edição e interpretação desta elegia (e que admitem pelo menos duas leituras bem diferenciadas), eu gostaria de começar por um comentário mais genérico sobre a estrutura do poema. Ele começa igualando dois tipos de riqueza: a material e que distingue socialmente a classe dos grandes proprietários, exemplificada por cinco bens prestigiosos (a prata, o ouro, as terras férteis, os cavalos e as mulas) e a existencial representada pelos prazeres delicados do banquete e pelo amor de um rapaz e de uma jovem mulher (ou, como veremos, apenas por este último), para em seguida afirmar que apenas o segundo tipo é realmente riqueza para os mortais. A conclusão do poema apresenta as sóbrias e elementares razões de uma tal transmutação dos valores: a impossibilidade de chegar ao Hades carregando todos os bens excessivos e a impossibilidade de evitar a morte, as doenças e a velhice. É a partir, portanto, de um horizonte comumente reconhecido em Homero (como base mesma da ética heróica) e reafirmado na elegia grega arcaica: qual seja, o da mortalidade e do envelhecimento, que Sólon tentará estabelecer os seus “novos” valores. Ao fazê-lo, Sólon não está opondo, como sugeriu Wolfgang Schadewaldt em “Lebenszeit und Greisenalter im frühen Griechentum” (“Tempo de vida e velhice na Grécia arcaica”), a juventude e a riqueza [“Nicht Jugend und Alter treten einander gegenüber, sondern Jugend und Reichtum (...)” SCHADEWALDT, 1933, p. 298], mas sim dois conceitos: a riqueza enquanto gozo erótico da existência e a riqueza enquanto acumulação de bens preciosos. Mas esta oposição pressupõe uma outra (não reconhecida por Schadewaldt) entre duas grandes fases da vida: “a juventude”, ἦβη, idade em que é possível gozar os prazeres do banquete e os do amor, e “a velhice”, γῆρας, caracterizada como “ruim” (κακόν) e acompanhada por “pesadas doenças”. Sólon indica, portanto, minimamente a negatividade radical da velhice e da morte como o que limita o gozo dos prazeres da existência e mesmo o usufruto dos bens materiais. Ele retoma neste poema não o esquema mais detalhado dos setênios que constituem as várias fases da vida, apresentado no seu poema das idades

(cf. meu artigo “Breve comentário sobre o poema das idades de Sólon”, ASSUNÇÃO, 2001), mas a oposição básica e marcada entre juventude e velhice, tal como ela se apresenta na obra de Mimnermo. Isto nos leva, pois, a considerar que também nesta elegia de Sólon o conceito de “juventude” (ἦβη) deva ser alargado e incluir a maturidade, sendo definido como idade – que poderia ir até os 50 ou mesmo 60 anos – em que é possível desfrutar dos prazeres do banquete e do amor (tal como eu já havia sugerido no artigo “Juventude e velhice: Mimnermo”, ASSUNÇÃO, 1998/1999). Feito este primeiro comentário geral, eu gostaria de retomar agora com mais cuidado a primeira oposição e a definição soloniana de valor.

Se Sólon, após estabelecer retoricamente uma equivalência entre os cinco bens que definem uma riqueza materialmente objetivada (prata, ouro, terras, cavalos e mulas) e os cinco modos de existir que definem uma felicidade pessoal (“sentir coisas delicadas no ventre, nos flancos e nos pés” e “a juventude de um rapaz e de uma mulher”), afirma que apenas estes últimos são a riqueza para mortais (pois os bens não podem ser levados para o Hades e não há escape para a morte e o envelhecimento), seria preciso então nos determos com alguma atenção em sua definição existencial da riqueza. Se assumimos a vírgula no fim do quarto verso (separando o primeiro grupo de três “bens” do segundo de dois), caberia tentar primeiro entender o que diz este verso: “no ventre, nos flancos e nos pés sentir coisas delicadas” (γαστρί τε καὶ πλευραῖς καὶ ποσίῃ ἀβρὰ παθεῖν). A leitura de Hermann Fränkel, assim como a anterior de W. Schadewaldt, apesar de não precisar o decisivo sentido de ἀβρά (que remete para o luxo, o refinamento e a feminilidade), conserva uma certa indeterminação que é própria ao texto grego: “o triplo bem-estar no ventre, nos flancos e nas pernas” (“das dreifache Wohlgefühl an Bauch, Flanke und Bein”, FRÄNKEL, 1962, p. 264-265) que, como a de W. Schadewaldt: “bem-estar no ventre, nos lados e nos pés” (“Wohlsein an Bauch, Seiten und Füßen”, SCHADEWALDT, 1933, p. 298), parece já estar contida na citação que Horácio faz deste verso: “si ventri bene, si lateri est pedibusque tuis” (*Ep.* 1, 12, 5).

A tradução em língua inglesa do livro de H. Fränkel *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums* especifica, porém, o que em alemão era genérico, ao dizer: “o triplo conforto de estar alimentado, vestido e calçado” (“the threefold comfort of being fed, clothed and shod”, FRÄNKEL, 1975, p. 230) em uma leitura que coincide basicamente com a de West: “comer bem, deitar-se bem e andar confortavelmente calçado” (“to eat well, couch well, and go softly shod”, WEST, 1993, p. 79). Este verso grego – como sugere o mesmo Fränkel – parece sem dúvida aludir à situação do banquete em que preferencialmente o gênero elegíaco (com os temas típicos da morte, da doença e da velhice) era cantado, justificando este prazer do momento como a maior fortuna permitida a um mortal (“Solon versichert den Speisenden und Zehenden (...) dass sie im gegenwärtigen Augenblick das höchste Glück besitzen das Sterblichen vergönnt ist.” FRÄNKEL, 1962, p. 265), mas se o “sentir coisas delicadas no ventre” é uma óbvia alusão ao “comer e beber”, a referência aos “pés” pode, como aquela aos “flancos”, estar indicando apenas

uma posição relaxada e confortável (cf. os escabelos em cenas de banquete na *Odisséia*) e não o fato genérico de estar bem calçado ou, no caso dos flancos, bem vestido. Mas – como lembra com argúcia H. Fränkel – esta situação do banquete (típica, porém, da elegia) é indicada ou descrita aqui não como algo duradouro, mas como “um evento ocasional” (“ein gelegentliches Ereignis”, FRÄNKEL, 1962, p. 26) isto é: pontual e único, pelo uso do aoristo em παθεῖν, assim como o πάρεστι do verso 3 indicaria “o momento presente” (“im gegenwärtigen Augenblick”, *ibidem*), em uma temporalização instável e de chances irreversíveis de existir que, tendo como horizonte o termo inevitável da morte, transfigura os valores dos bens ao condicioná-los sobriamente à capacidade mortal limitada de seu usufruto. Deixa-se adivinhar aqui a possível dimensão política de uma tal valorização do banquete em detrimento da ganância por bens não usufruíveis, quando nos lembramos que, segundo o fragmento elegíaco de Sólon intitulado *Eunomia* (4W), os cidadãos responsáveis pela ruína da cidade de Atenas são precisamente aqueles que “não sabem conter a insaciabilidade nem ordenar as *alegrias presentes* (παρούσας εὐφροσύνας) na tranqüilidade do banquete.” (versos 9-10).

Enfim, como segundo grupo de bens que constituem a real e imediata riqueza mortal do momento presente – ainda que H. Fränkel o retarde ligeiramente em relação ao banquete ao dizer que “o gozo de um corpo jovem está de algum modo também em perspectiva” (“der Genuss eines jungen Leibes steht etwa auch in Aussicht”, FRÄNKEL, 1962, p. 265) –, está “a juventude de um rapaz e de uma mulher”, expressão inequívoca não só do amor como intensidade máxima de vida, mas também da bissexualidade do prazer sexual (cf. o dístico 12 D. que fala do amor com um rapaz (παιδοφιλήσει) “nas flores eróticas da juventude”/, “desejando as coxas e a suave boca.”).

É possível, no entanto, uma outra leitura dos versos 4, 5 e 6 deste fragmento elegíaco. Se ligamos os genitivos παιδός τ’ ἠδέ γυναικός (“de um rapaz e de uma mulher”) não a ἦβη (“juventude”) – que apenas explicitaria ταῦτα (“estas coisas”, “isto”) –, mas a ἀβρά παθεῖν (“sentir coisas delicadas”), como já sugeria Hudson-Williams (“The genitive depends on ἀβρά παθεῖν ‘to enjoy’; cf. τῶν κτεάνων εὖ πασχίμειν Theogn. 1099”, HUDSON-WILLIAMS, 1926, p.129), podemos, caso seja conservada a vírgula no fim do 4º verso, ter duas orações infinitivas organizadas em torno de ἀβρά παθεῖν (“experimentar/sentir coisas delicadas”): a primeira modificada por três dativos: “no ventre, nos flancos e nos pés sentir coisas delicadas”, e a segunda, por dois genitivos: “sentir coisas delicadas de um rapaz e de uma mulher”. A primeira oração se refere, como vimos, aos prazeres do banquete, enquanto a segunda se referiria de modo genérico aos prazeres eróticos.

É certo que no verbete ἀβρός, -ά, -όν os dicionários, quando citam este 4º verso, se referem basicamente à noção de luxo ou refinamento em um banquete [Cf. Chantraine: “la nuance d’une délicatesse, d’un luxe excessif” (CHANTRAINE, 1983, p. 4) e Liddell-Scott: “with a notion of disparagement, *dainty, luxurious*” (LIDDELL-SCOTT, 1977, p. 3), donde também a associação com a luxúria ou moleza asiática], mas os primeiros e os mais frequentes

empregos deste adjetivo significando “gracioso, delicado, bonito” são para qualificar moças, mulheres, divindades, corpos ou objetos com características femininas: sua primeira ocorrência, no fr. 218 de Hesíodo, é como epíteto de παρθένος (“virgem”); em Safo ele aparece para qualificar as Graças, Andrômaca no dia do seu casamento e Adônis; e, enfim, o feminino de ἄβρος com o deslocamento do acento para a primeira sílaba: ἄβρα serve para designar a jovem empregada que é a mulher de confiança da dona de casa (cf. Menandro fr. 58, 371 e 453 – cf. CHANTRAINE, 1983, p. 4 e 5). Coincidentemente ἄβρά (“coisas delicadas”) – que denota sobretudo a esfera do feminino – serve como complemento do verbo παθεῖν (infinitivo aoristo), cujo sentido primeiro: “ser afetado, sofrer, experimentar” serve em grego para designar a passividade, em oposição à ação ou atividade e, na divisão tradicional dos papéis sexuais, a posição do objeto amoroso do macho adulto: rapaz ou mulher. Mas aqui paradoxalmente – no instante mesmo em que Sólon enuncia o máximo valor possível para um mortal – é, segundo a expressão irônica de Bernard Knox, um dentre “os mais velhos machos brancos europeus mortos” (“the oldest dead white european males”, KNOX, 1993) quem “é objeto de” ou “sofre” “as coisas delicadas de um rapaz ou de uma mulher”.

Se, porém, déssemos mais um passo e retirássemos a vírgula ao fim do quarto verso, nós unificaríamos em um só momento os dativos e os genitivos que modificam ἄβρά παθεῖν e teríamos algo como: “no ventre, nos flancos e nos pés sentir coisas delicadas de um rapaz e de uma mulher”. Uma tal edição do texto grego (adotada, por exemplo, por Adrados, cf. ADRADOS, 1956, p. 195) colocaria em segundo plano a alusão aos prazeres do banquete e centraria nos prazeres eróticos a proposição do máximo valor existencial, aproximando ainda mais Sólon de Mimnermo. Mas se na primeira leitura os sentidos de πλευράς (“nos flancos”) e ποσίν (“nos pés”) guardavam alguma indeterminação e estavam sujeitos a interpretações diferentes, nesta última leitura os três dativos podem parecer francamente estranhos: o que quererá dizer “sentir coisas delicadas de um rapaz e de uma mulher *no ventre, nos flancos e nos pés*”? É certo que γαστήρ em grego pode servir para designar “o útero” de uma mulher, mas não exatamente a genitália, assim como “os flancos” e “os pés” não designam em princípio regiões marcadamente erógenas (cf. μηρῶν “as coxas” e γλυκεροῦ στόματος “a suave boca” do rapaz que no fr. 120 são objeto do desejo), mas não poderia o corpo em sua totalidade estar sendo designado por três partes suas diferenciadas (como ocorre por vezes em Homero) e que, embora não tradicionalmente associadas à esfera erótica, seriam mobilizadas de uma maneira erótica polimorfa nas carícias que iniciam o ato amoroso? Esta leitura tem obviamente o inconveniente de quebrar a simetria da correspondência apontada por Fränkel entre os cinco bens que constituem a riqueza material socialmente distintiva e os cinco bens que representam a riqueza existencial do indivíduo, mas ela opõe assim com mais força a acumulação de uma série de cinco bens prestigiosos e a intensidade existencial de um único e máximo ato de prazer: o amor.

Ao mencionar no sexto verso “a juventude” (ἡβη), Sólon diz que “com o tempo (ὥρη) ela se torna ajustada (ἀρμόδια).” Este ajuste – idéia básica do radical *ar-* de ἀρρῖσκω e de ἀρμονία – a uma ordem natural é um critério de valor que perpassa toda a obra poética de Sólon (cf. os últimos dois versos do fragmento *Eunomia* onde ele diz que “sob a justiça todas as coisas entre os homens são ajustadas (ἀρτια) e inteligentes.”) O ajuste que aqui vem com “a idade” (ὥρη) é o que se dá entre a juventude e os prazeres eróticos que lhe são próprios ou naturais; ele se opõe ao excesso de bens (περιώσια χρήματα) que não podem ser usufruídos após a morte. A morte e o envelhecimento funcionam, pois, como limites naturais (ainda que não precisamente determináveis) que determinam uma medida ou μέτρον para a vida humana, condicionando assim como fundamentos necessários e inultrapassáveis o estabelecimento de qualquer valor.

Ao propor, pois, em um segundo momento, que “a riqueza para mortais” (ἄφενος θνητοῖσι) é constituída não por bens materiais, mas pela experiência vivida tanto dos prazeres (“coisas delicadas”) do banquete quanto dos prazeres eróticos (“a juventude de um rapaz e a de uma mulher”), Sólon irá justificar sua “nova” proposição de valor, lembrando, sempre com elementar bom senso, primeiro que “ninguém vai para o Hades, carregando todos excessivos (περιώσια) bens” – o que surpreendentemente não é o mesmo que dizer que “ninguém vai para o Hades, carregando um bem qualquer” (como parece ilustrar a anedota do despojamento forçoso daquele que entra na barca de Caronte para atravessar o Aqueronte) – e, logo em seguida, que a morte, as doenças e a velhice não são cambiáveis por nenhum desses bens materiais que, em outros casos, poderiam constituir um resgate (ἄποινα), ou seja: que elas são inexoráveis.

Mas o que poderia então significar aqui os “excessivos bens” (περιώσια χρήματα)? E algum bem seria paradoxalmente carregável para o Hades? Maria Noussia, em seu comentário a este poema, observa com pertinência: “Em particular, Sólon não critica a riqueza *sic et simpliciter* (...), mas os bens περιώσια ‘em excesso’(...)” (NOUSSIA, 2001, p. 303), lembrando que analogamente, na “Elegia às Musas”, a riqueza adquirida injustamente é considerada indesejada (v. 7 e ss.) e o desejo de um acúmulo excessivo de bens é criticado (vs. 71-73), o que não impede, porém, que seja feito às Musas um pedido de prosperidade (vs. 3 e 7).

Pouco avançaríamos, no entanto, se pensássemos literal e implausivelmente em algum bem material transportável para o Hades ou, como o faz Maria Noussia, que no Hades tampouco se pode gozar os prazeres do banquete e do amor [“(...) è vero che nell’Ade non ci si può portare dietro le ricchezze, ma non vi si può nemmeno più godere di cibo e di amore (...)” (NOUSSIA, 2001, p. 300)]. Se a morte (e a decorrente temporalidade) constitui o limite básico para a riqueza – aquele mesmo que é negligenciado pelos que buscam insaciavelmente acumular bens –, a riqueza não é por isso de todo anulada como valor, mas apenas limitada à possibilidade de seu usufruto que coincide com o parco lote de vida de qualquer mortal. Aquela riqueza que, não

necessariamente excessiva, proporciona o *otium* próprio aos prazeres do banquete e do amor, isto é: que é convertida em experiências gratificantes e intensas que formam uma história de vida inalienável, passa a integrar a substância temporal deste ser finito que se define apenas pelo que foi sua vida e cujo destino *post-mortem* (não representado aqui) parece irrelevante para Sólon.

No pensamento de Sólon esta proposição de valor não conduz a um mero hedonismo individualista, mas tem, como já foi indicado, uma dimensão política, pois os “bens excessivos” resultam da ganância insaciável dos grandes proprietários atenienses que, por não saberem “conter a insaciabilidade, nem ordenar as alegrias presentes na tranqüilidade do banquete”, intensificam a disparidade entre as classes sociais e provocam a desordem social (ou *δυσνομία*) que traz a ruína à cidade. O que Sólon, pois, nos propõe paradoxal e elementarmente, em uma época em que a moeda já foi instituída e a crise social se acirra, é que a medida primeira de valor para um humano pode ser estabelecida apenas a partir da morte e do fato de estar sujeito ao envelhecimento.

BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, Francisco R. (texto y traducción). *Líricos griegos: elegíacos y yambógrafos arcaicos*. vol.1. Barcelona: Alma Mater, 1956.
- ASSUNÇÃO, Teodoro R. *Breve comentário sobre o poema das idades de Sólon*. In: *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias* (orgs. Mendes, E. A. M., Oliveira, P. M. e Benn-Ibler V.). Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 423-432.
- ASSUNÇÃO, Teodoro R. *Juventude e velhice: Mimnermo*. KLEOS: Revista de Filosofia Antiga, Rio de Janeiro, n. 2/3, p. 158-171, 1998/1999.
- CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. vols. 1-2. Paris: Klincksieck, 1983.
- DIEHL, Ernst (ed.). *Anthologia Lyrica Graeca*. vol. I. Leipzig: Teubner, 1936.
- FRÄNKEL, Hermann. *Dichtung und Philosophie des frühen Griechentums*. 2. Aufl. München: C. H. Beck, 1962.
- FRÄNKEL, Hermann. *Early Greek Poetry and Philosophy* (transl. by M. Hadas and J. Willis). Oxford: Basil Blackwell, 1975.
- GENTILI, Bruno et PRATO, Carolus (eds.). *Poetarum Elegiacorum Testimonia et Fragmenta – Pars Prior*. Leipzig: BSB B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1979.
- HUDSON-WILLIAMS, Theodor. *Early Greek Elegy*. Cardiff: University of Wales Press, 1926.
- KNOX, Bernard. *The Oldest Dead White European Males*. New York: W. W. Norton & Company, 1993.
- LIDDELL, Henry G. and SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1977.
- NOUSSIA, Maria (Introduzione e Commento) e FANTUZZI, Marco (Traduzione). *SOLONE – Frammenti dell’opera poetica (BUR)*. Milano: RCS Libri S.p.A., 2001.
- SCHADEWALDT, Wolfgang. *Lebenszeit und Greisenalter im frühen Griechentum*. *Die Antike*, Berlin, n. 9, p.282-302, 1933.
- WEST, Martin L. (ed.). *Delectus ex Iambis et Elegis Graecis*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- WEST, Martin L. (transl.). *Greek Lyric Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1993.